

PESQUISA EM EDUCAÇÃO: REFLETINDO SOBRE A DEVOLUÇÃO DOS DADOS

*RESEARCH IN EDUCATION: REFLECTING
ON DEVOLUTION OF DATA*

*INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN: REFLEXIONANDO
SOBRE LA DEVOLUCIÓN DE DATOS*

ANTONIO SERAFIM PEREIRA¹

¹Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma/SC -Brasil

RESUMO A devolução de dados na pesquisa qualitativa em educação é o tema do presente trabalho, discutido a partir das seguintes questões: o que se deve entender por devolução/restituição de dados? Quais seus objetivos primordiais? Qual o momento da pesquisa mais propício para fazê-la? Como potencializar a devolução como critério de ampliação/aprofundamento dos dados e validação da pesquisa? Nossas reflexões se constituíram na revista de nossa própria experiência investigativa à luz do diálogo que estabelecemos com os pesquisadores do *Programa de Investigaciones sobre Instituciones Educativas* e os autores em que se fundamentam. A intenção é ampliar o debate acerca da devolução dos resultados para que esta se configure como instrumento de mediação pesquisador-pesquisado e se institua como estratégia de aprofundamento dos dados e validação da pesquisa para fortalecê-la em seu rigor e credibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO; PESQUISA QUALITATIVA; DEVOLUÇÃO.

ABSTRACT The devolution of data in qualitative research in education is the theme of this work, discussed from the following questions: What is meant by return and / or data recovery? What are your primary objectives? What time of the survey more conducive to do it? How to maximize the return as a criterion for enlargement / deepening of the data and validation of research? Our reflections were constituted in revisit our own investigative experience in the light of the dialogue we have established with researchers at *Programa de Investigaciones sobre Instituciones Educativas* and the authors in which they are based. The intention is to expand the debate on the return of results for this if set as a researcher-researched mediation instrument and instituted as a further development strategy of the data and validation of research to strengthen it in its rigor and credibility.

Keywords: education; qualitative research; devolution.

RESUMEN La devolución de los datos en la investigación cualitativa en la educación es el objeto de este trabajo, discutido desde las siguientes cuestiones: ¿Qué se entiende por devolución o restitución de datos? ¿Cuáles sus objetivos principales? ¿Qué momento de la investigación es más propicio hacerla? ¿Cómo maximizar la devolución como criterio para ampliación/profundización de los datos y validación de la investigación? Nuestras reflexiones se constituyeron en la revisita de nuestra propia experiencia de investigación a la luz del diálogo establecido con los investigadores del Programa de Investigaciones sobre Instituciones Educativas y autores en los que basan. La intención es ampliar el debate sobre la devolución de los resultados para configurarla en instrumento de mediación investigador-investigado y constituir la en estrategia de profundización de los datos y validación de la investigación para fortalecerla en su rigor y credibilidad.

Palabras clave: educación; investigación cualitativa; devolución.

INTRODUÇÃO

Desde nossa experiência de pesquisa, desenvolvida por demanda do mestrado em educação, o tema da devolução ou restituição dos dados – correspondente ao retorno pelo pesquisador das interpretações e resultados preliminares ou não aos protagonistas participantes da pesquisa – passou a ocupar mais intensamente as pautas de nossas preocupações e questionamentos.

Na oportunidade, procuramos nos acercar de uma metodologia qualitativa, que nos permitisse evidenciar a coerência da prática dos orientadores educacionais¹ de escolas públicas de ensino básico, relativa aos princípios da tendência sociopolítico-pedagógica, que, naquele momento, despontava em defesa de um enfoque global e pedagógico da escola como instituição educativa (PEREIRA, 1990). Dessa maneira, visando nos aproximar de dados que permitissem interpretar e analisar o objeto a ser investigado com maior propriedade, buscamos apreender as percepções dos próprios orientadores educacionais, diretores, supervisores pedagógicos, professores e alunos das escolas pesquisadas, por meio de questionários e entrevistas.

Não obstante, o processo de escritura do relatório de pesquisa nos possibilitou refletir, entre outros aspectos, sobre o caminho metodológico empreendido e apreender de que mais nos servimos dos sujeitos do que com eles nos comunicamos (PALACIOS, 2006). O tempo de que dispúnhamos para concluir o trabalho, no entanto, não nos favoreceu levar a cabo o *agir comunicativo* (HABERMAS, 1989) com os participantes da pesquisa. Experiência que teria sido valiosa para a análise mais aprofundada das questões sociopolítico-pedagógicas que envolviam a orientação educacional.

Daí em diante, passamos a construir metodologias que, de alguma forma, nos favorecessem contemplar a devolução não apenas como procedimento de comunicação de resultados, mas como compromisso inerente ao processo da pesquisa empreendida. Conceber a restituição no conjunto da processualidade do projeto investigativo significa pensá-la primeiro no *por que* devolver os dados para depois ter em conta o *como* e *quando* restituí-los.

1 Profissionais não docentes responsáveis por assistir os alunos em relação ao desempenho escolar, especialmente, os de baixo rendimento.

Essa postura, vivenciada em especial na pesquisa desenvolvida numa escola pública sobre os significados dos docentes sobre a interdisciplinaridade (descrita adiante), a tomamos como forma de dar à pesquisa um sentido educativo, que abre possibilidade à reflexão e aprendizagem mútua de pesquisador e pesquisados, retirando os sujeitos investigados da condição de meros informantes e do confinamento das estatísticas para a condição de participantes ativos (PEREIRA, 2007). Entretanto, no esforço de garantir o protagonismo dos sujeitos nos projetos de pesquisa e resguardar os critérios de cientificidade, que lhe são intrínsecos, ressentimo-nos de discussões teóricas específicas e abalizadas sobre a devolução dos dados.

O debate direto sobre a devolução, em nosso entendimento, tem sido tímido na esfera da pesquisa qualitativa em educação no meio acadêmico brasileiro. Aliás, as discussões teóricas e práticas sobre a pesquisa na área têm subestimado este aspecto, fazendo-o arrefecer-se no limbo da superficialidade à espera que alguma entidade (ou identidade?) o tome em maior consideração.

Do nosso ponto de vista, o zelo, muitas vezes, obsessivo pela cientificidade, que remonta à herança quantitativa, tem se traduzido num ataque velado à restituição dos dados por meio das críticas às pesquisas qualitativas atuais, quando destacam, dentre outras questões, que pecam por exagero participativo dos sujeitos, excesso de reflexão e pragmatismo demasiado.

No âmbito particular de nossas experiências acadêmicas, as pesquisas, que desenvolvemos ou estamos desenvolvendo, têm suscitado reflexão, questionamentos e aprendizagem sobre o tema da devolução, apontando possibilidades, dificuldades e preocupações. Têm nos ajudado, nesse sentido, a relação-diálogo com os participantes das pesquisas e os pesquisadores do grupo de pesquisa que coordenamos, o FORGESB. Também têm sido valiosas as imprescindíveis interlocuções particulares e coletivas com pesquisadores locais, nacionais e estrangeiros em conversas informais, reuniões, eventos científicos e/ou publicações (impresas ou virtuais) sobre pesquisa em educação.

Cabe destacar, neste sentido, a intercomunicação com os pesquisadores do *Programa de Investigaciones sobre Instituciones Educativas (PIIE)*² do *Instituto de Investigaciones en Ciencias de la Educación (IICE)*, *Universidad de Buenos Aires (UBA)*, *Argentina*, com os quais temos compartilhado compreensões, experiências e preocupações sobre o contexto da pesquisa no campo da educação em geral e no âmbito de nossos próprios projetos. No caso específico deste trabalho³, contamos com a disposição voluntária de quatro de seus pesquisadores⁴ para tecerem considerações e comentários, mediante entrevistas semiestruturadas e abertas, sobre a perspectiva de pesquisa que empreendem. A ideia é contribuir para a reflexão sobre questões consideradas cruciais para se ampliar a compreensão sobre o tema da restituição dos dados na pesquisa qualitativa em educação, a saber: O que se deve entender por devolução e/ou restituição de dados? Quais seus objetivos primordiais? Qual o momento da pesquisa mais propício para a devolução dos dados aos participantes? Como potencializar a devolução como critério de relevância e validação da pesquisa?

² Programa em desenvolvimento desde 1986.

³ Realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

⁴ Indicados como P1, P2, P3 e P4 para resguardar suas identidades/privacidades.

Assim, elegemos o presente artigo como espaço de descrição e expressão de nossas reflexões sobre a devolução dos dados, a partir de nossa experiência investigativa e do diálogo com os pesquisadores do PIIIE, tendo os questionamentos acima como referência orientadora da discussão, que desenvolveremos a seguir.

A intenção é ampliar, por este meio, o debate condizente à devolução dos resultados para que esta, ao dar voz aos sujeitos participantes da pesquisa, se constitua num instrumento de mediação no diálogo pesquisador-pesquisado, mas também e principalmente, se institua como estratégia de aprofundamento e validação da pesquisa qualitativa em educação para fortalecê-la em seu rigor e credibilidade (GUBA, 1985).

Passemos, então, às considerações atinentes aos questionamentos anunciados nos tópicos que se seguem.

CONSIDERAÇÕES SOBRE DEVOUÇÃO DOS DADOS EM PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO

A devolução ou restituição dos dados adquire maior significação e relevância no seio da pesquisa qualitativa como uma das estratégias poderosas para afirmar sua credibilidade ante a crítica, que põe em questão sua qualidade científica (GUBA, 1985), advinda, como se sabe, da parte dos acadêmicos quantitativos hegemônicos e/ou dos pseudoqualitativos ou de identidade dúbia. Argumento do qual comunga Erickson (1989), quando destaca a importância da devolução para o estudo qualitativo ao considerar, como um de seus critérios de validação, a forma como é narrado e como a interpretação nele contida será traduzida pelos participantes da pesquisa, dentre outros.

A par de se constituir em instrumento precioso para a validação da pesquisa, a devolução tem se distinguido como estratégia de diálogo, reflexão, aprofundamento dos conhecimentos e aprendizagem para pesquisador e pesquisados. Nesse sentido, Fernández (2013a) enfatiza que para a pesquisa é importante que essa reflexão dos sujeitos possibilite aprofundar as informações, abra novas linhas de interpretação e fortaleça o vínculo com o pesquisador, favorecendo a continuidade da pesquisa. Considerada dessa maneira, cremos que a restituição, ainda, poderá colaborar, significativamente, para que os envolvidos na pesquisa questionem os sentidos, que guiam seus discursos e práticas socioculturais, que, de outro modo, podem permanecer intocáveis (PEREIRA, 2007).

Não seria a devolução, pensada nesta perspectiva, a estratégia, por excelência, que os pesquisadores qualitativos disporiam para enfrentar um de seus grandes desafios, segundo Streck (2004, p. 14)? O de “encontrar ou criar lugares de encontro [...] de sujeitos que falam de lugares sociais e culturais distintos”? Acreditamos que sim. Uma resposta positiva a esta questão nos parece razoável na medida em que autores, como Adams (2009), Bourguignon (2008), Erickson (1989), Goetz; LeCompete (1998), Guber (2011) Silvério; Patrício (2007) e Szymanski (2004), concordam que a devolução ou restituição dos dados, nesse sentido, assumam caráter de intercomunicação.

Consideradas as concordâncias, é importante, de outro modo, destacar apreços enfatizados pelos autores que, embora não cheguem a ser conflitantes ou controversos entre si, merecem ser comentados pelas implicações que trazem ao processo de pesquisa em educação relativo ao tema foco deste trabalho: a devolução.

Geralmente, os autores que discutem questões relacionadas à restituição dos dados na pesquisa qualitativa tendem a considerá-la etapa final do processo investigativo, como é o caso de Szymanski (2004) e Zanten (2004). Suas posições, no entanto, se distinguem. Enquanto a segunda enfoca a problemática da restituição, a primeira prefere abordar as possibilidades metodológicas para este processo, de modo que seja profícuo para pesquisador e pesquisado em termos de aprofundamento, reflexão e aprendizagem.

Zanten (2004) ajuíza que a devolução dos dados é problemática no que concerne ao tempo e à forma de fazê-la. Para ela, o tempo da pesquisa qualitativa é diferente do tempo dos participantes, que cada vez mais exigem retorno dos resultados e, quase sempre, no seu espaço de tempo real. Cabe ressaltar, que a autora toma como referente sua experiência, na qual seus projetos têm duração média aproximada de três anos e o temor que expressam os sujeitos de suas pesquisas de não tomarem conhecimento dos resultados, supondo não mais fazerem parte da instituição pesquisada ao tempo de sua devolução, o que afetaria o grau de motivação dos mesmos em participar de qualquer processo de pesquisa. Nesse caso, não seria pertinente reconfigurar o projeto de pesquisa, objetivando consolidar o vínculo com os sujeitos e ampliar as possibilidades da pesquisa, como considera Fernández (2013b)? Considerando que, na experiência investigativa dessa pesquisadora, a devolução acompanha todo o processo, como também acompanha a análise do pesquisador sobre o contexto no qual está envolvido (FERNÁNDEZ, 2013a), acreditamos que sim.

Conforme Zanten (2004), a restituição é também problemática no que se refere à apresentação dos resultados diretamente aos atores. Para ela, as pessoas tendem a se sentir atacadas ou valoradas, individualmente, com as interpretações do pesquisador. No entendimento de Fernández (2013b), isso tende a ocorrer quando as devoluções são pensadas e constituídas como mera narração de resultados, sem levar em conta o contexto de significação dos pesquisados.

Tal explicação se confirma no projeto de pesquisa etnográfica sobre formação docente desenvolvido por Caria (2000), em que parte dos sujeitos participantes considerou suas interpretações reducionistas, generalistas e caricaturais do grupo, pela insuficiente referência às razões, que motivam as posições consensuais ou conflitivas de seus atores sociais. Por considerar a narrativa etnográfica como dispositivo de reflexão e não de objetivação totalizante do contexto sociocultural, tomou parte das críticas, que entendeu pertinente, para compor novo texto. Um texto menos etnocêntrico, tendo em vista a apropriação pelos participantes dos resultados da pesquisa, e mais plausível, porque nele conseguiram se reconhecer melhor.

Pelo exposto, consideramos que as precauções tomadas por Zanten (2004), como forma de amenizar o problema (ou desviar?), são questionáveis e, por isso mesmo, vale à pena registrar seu comentário a respeito:

Quando falo algo, o faço com muita prudência, sempre me referindo a trabalhos anteriores, tratando de despersonalizar, o máximo possível. Acredito ser muito mais satisfatório restituir os resultados de pesquisa de maneira geral, não aos atores com os quais trabalhei, mas à mesma categoria de atores (*idem*, p. 43).

Pelo que expressa, se infere que a autora concebe devolução como etapa final de prestação de contas: uma exposição para os chamados atores. Não oportunidade de apro-

fundamento, reinterpretação e aprendizado. Poder-se-ia sugerir à Zanten (2004) a opção por restituir

aos parceiros do campo, sob modalidades e temporalidades diferentes, os resultados provisórios do trabalho. Essa prática da restituição produz oportunidades de aprofundar ou de voltar a discutir as análises e de reconsiderar a orientação do próprio dispositivo de trabalho (MONCEAU, 2005, p. 474).

Importa mencionar, que Szymanski (2004) concebe a pesquisa qualitativa como prática reflexiva, o que supõe o querer aprender, que requer, por conseguinte, um poder aprender, que tende a se desenvolver “com mais facilidade quando há uma abertura para as diversas possibilidades de manifestação do fenômeno” (*idem*, p. 2). A devolução, após o encerramento formal da pesquisa, para a autora, se sobressai como forma de “apresentar/refletir a compreensão do pesquisador aos participantes acerca do fenômeno estudado e provocar neles um processo de reflexão sobre os resultados” (*idem*, p. 1). Sobretudo, para validar “o conhecimento produzido pelo pesquisador a partir da análise da narrativa de experiências daquelas pessoas que colaboraram com sua pesquisa” (SZYMANSKI, 2004, p. 1).

A referida autora propõe, então, com base em suas experiências investigativas, que se busquem diferentes modos de devolução (uso de técnicas expressivas, além da exposição oral), tendo em conta o objeto de estudo, a complexidade das informações a serem transmitidas e o perfil dos participantes. Assim que, pensar a restituição na perspectiva do poder aprender de forma criativa, segundo seu pensamento, pode resultar em maior participação dos sujeitos, oportunidade de aprofundamento dos dados e desenvolvimento da consciência. Além disso, se pode prever estratégias de controle de possíveis situações desconcertantes geradas pela natureza do tema e/ou resultados revelados, especialmente, aquelas que se referem a aspectos conflitantes e/ou dolorosos para os atores sociais investigados. Quem sabe, por essa experiência, podemos compor fundamentos para dizer a Zanten (2004), que sua proposição de devolver os resultados da pesquisa a atores da mesma categoria, mas não aos participantes diretos com os quais trabalhou, não é a mais adequada. Revela, do nosso ponto de vista, mais um pretexto para o não enfrentamento dos possíveis conflitos decorrentes dos questionamentos suscitados pelas interpretações do pesquisador, abortando, assim, a possibilidade de um poder aprender recíproco entre pesquisador e pesquisados.

Cabe assinalar, que os pesquisadores de perspectivas qualitativas, particularmente, de abordagem etnográfica, comprometidos em compreender ações e significados dos atores sociais participantes do estudo, entendem a devolução numa dimensão de processualidade, não restrita à etapa final do processo de pesquisa. Entre os que se aliam a este enfoque, estão: Adams (2009); Fernández (1982, 1987, 1994, 2010, 2013a, 2013b); Goetz; Lecompte (1988) e Guber (2011).

Tal pressuposto exige que o projeto de pesquisa seja delineado, considerando a natureza do seu objeto de estudo, a partir de uma metodologia, que garanta o encontro sistemático de reflexividades (pesquisador e pesquisado), para a produção de novas reflexividades (GUBER, 2011), feitas por processo de devoluções parciais e gradativas (ADAMS, 2009; FERNÁNDEZ, 1982, 1987, 1994, 2010, 2013a, 2013b).

Nesta linha de pensamento, não poderíamos perder a oportunidade de mencionar a denúncia de Bourguignon (2008) sobre as dificuldades que se tem, no atual contexto da universidade brasileira, de fazer valer o compromisso da devolução em prol do protagonismo do sujeito na pesquisa qualitativa em educação. A preocupação com a produtividade operacional, na ótica da autora, tolhe o pesquisador de desenvolver um “trabalho denso, processual, de aproximação sucessiva às múltiplas determinações dos fenômenos estudados” (BOURGUIGNON, 2008, p. 309). Preocupação também levantada por André (2001), já no início dos anos 2000.

Também não se pode deixar de aludir à boa lembrança de Bourguignon (2008) de realçar a importância do papel dos pesquisadores brasileiros neste contexto que, apesar das dificuldades, propõem, individual e/ou coletivamente, seus projetos e reivindicam, simultaneamente, espaços e financiamentos para a pesquisa de qualidade. Evidência da qual somos partícipes, quer pelo trabalho e resistência, quer pela luta acadêmica e política diária.

Pela revisita teórica efetivada depreendemos, à guisa de síntese – provisória, é claro – que a devolução dos resultados da pesquisa qualitativa aos seus atores pode ser concebida, do ponto de vista do seu objetivo, como intercomunicação, aprofundamento e consolidação do processo investigativo. Ou reduzir-se a simples comunicação e prestação de contas, podendo, no primeiro caso, acontecer no processo da pesquisa ou no seu final e, no segundo, restringir-se apenas a este último. Essas indicações servirão de referência para as considerações reflexivas, que teceremos a seguir, sobre a devolução dos dados em nossa experiência de pesquisa, descrita adiante, no diálogo com os pesquisadores do PIIE.

NOSSA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA RELATIVA À DEVOLUÇÃO DOS DADOS: DIÁLOGO COM O PROGRAMA DE INVESTIGACIONES SOBRE INSTITUCIONES EDUCATIVAS

Neste tópico, atendendo ao anunciado na epígrafe deste trabalho, descrevemos, primeiramente, a experiência de pesquisa por nós desenvolvida, tecendo considerações reflexivas sobre ela, a partir do diálogo com os pesquisadores do PIIE, no que diz respeito à devolução dos dados.

Em nossa experiência particular de pesquisa, notadamente a de caráter etnográfico, realizada numa escola pública estadual brasileira sobre os significados dos professores acerca da interdisciplinaridade como princípio de ensino expressa em sua proposta pedagógica (elaborada coletivamente), a devolução perpassou o seu processo global em momentos destacados (PEREIRA, 2007).

A devolução se dispôs desde o início, porque nos mobilizava o interesse de realizar uma pesquisa com os professores, não para eles ou sobre eles. Nosso desejo era desenvolver uma pesquisa significativa e necessária com vistas a oportunizar-lhes reflexão aprofundada e crítica sobre os sentidos, que vinham atribuindo às suas vivências profissionais, ligadas à proposta inovadora em constituição (FERNÁNDEZ, 1982, 1987, 1994, 2010, 2013a, 2013b; GUBER, 2011).

Assim, na fase exploratória da pesquisa, a devolução se configurou na apresentação/discussão dos dados aos sujeitos envolvidos, que emergiram dos documentos institucionais

e do questionário a eles aplicado sobre a inovação em desenvolvimento. A discussão com a direção, equipe pedagógica e os professores fortaleceu e ampliou a descrição e a crítica da realidade escolar e da proposta em desenvolvimento, subsidiando a delimitação do objeto de estudo: a interdisciplinaridade. Apontada pelos professores como necessidade a ser enfrentada em relação ao ensino. Interessava-lhes compreender melhor o processo interdisciplinar para qualificar a prática docente. Definia-se, dessa maneira, que o estudo teria um caráter de descrição, compreensão e aprendizagem, afinado com os pressupostos de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

Na fase processual, a restituição foi significativa no diálogo com os professores, tendo por base as apreensões sobre interdisciplinaridade obtidas, a partir de nossa observação em sala de aula. Também com os informantes-chave (diretora, representante da equipe pedagógica e professores coordenadores de projetos específicos) aprofundamos questões referentes à inovação, tomando como referência os lugares específicos em que se movimentavam na escola, tendo em vista suas atribuições. Em ambos os casos, recorreu-se à estratégia da entrevista semiestruturada. No caso dos professores participantes, a devolução se constituiu a partir da releitura das notas de campo que nos ofereceram referências para a discussão com eles. Seus conteúdos inspiraram o roteiro das entrevistas, que nos permitiram: a) aprofundar suas compreensões acerca da interdisciplinaridade (como a significavam e como a viam na prática); b) refletir com eles sobre seus saberes e práticas em sala de aula, especialmente, em relação à interdisciplinaridade; c) acolher suas manifestações sobre a importância da pesquisa para o trabalho que desenvolviam e a necessidade de nossa mediação para ajudá-los no seu aperfeiçoamento (PEREIRA, 2007).

O conhecimento elaborado na devolução dialógica, por nós proposta, produziu uma restituição específica reivindicada pelos professores participantes: a formação sobre a interdisciplinaridade. Pelas dúvidas suscitadas no processo de pesquisa, os docentes aspiravam, por esse meio, construir referências teórico-práticas mais fundamentadas para (re) conceituar e enfrentar, coletivamente, os desafios da complexidade de um pensar e um fazer interdisciplinar. Enfim, os professores queriam apropriar-se da pesquisa, compreender os significados da sua prática e aprender “a reformular seus próprios discursos, perspectivas, interesses e necessidades individuais ou coletivas” (TARDIF, 2002, p. 239), de modo que, por entre e através da linguagem compartilhada, pudessem lançar um novo olhar sobre seu fazer pedagógico. Exercitamos, dessa maneira, o que, para Lapassade (1999, p. 242-243), é primordial: intervir desse modo “na medida em que nos pedem a fazê-la”.

Tal convocação nos impôs o desafio de pensar uma formação compatível com o que vinha imputando como devolução que, nesse caso, só poderia ser um processo que rompesse com os modelos hegemônicos de formação docente, quase sempre, desarticulados dos saberes do professor.

No sentido de contemplar este desígnio, procuramos oferecer aos docentes uma análise externa, que lhes favorecessem a distanciar-se do seu próprio olhar, pois a familiaridade com a complexidade própria da micropolítica da sala de aula, paradoxalmente, tende a apresentar-se desvantajosa à reflexão das idiosincrasias desse espaço. Tal proposição os mobilizaram “a formular suas próprias perguntas, a contemplar a experiência cotidiana como informação para responder a essas perguntas, a buscar provas contrárias, a considerar os casos discrepantes e a ponderar interpretações diferenciadas” (ERICKSON, 1989, p. 291).

Nos encontros organizados para esse propósito, procedeu-se à apresentação e discussão da proposta do trabalho de formação; produção escrita individual pelo professor sobre seu conceito de interdisciplinaridade, compartilhado com seus pares; discussão teórica sobre interdisciplinaridade; análise e discussão, à luz do referencial teórico estudado, dos trabalhos da Mostra de Ciências e Artes (vídeo) promovida pela escola no decorrer da pesquisa; retomada individual e coletiva do conceito pessoal de interdisciplinaridade, registrado antes do estudo teórico (revisão conceitual)⁵.

O processo de devolução processual e dialógico (ADAMS, 2009; FERNÁNDEZ, 1982, 1987, 1994, 2010, 2013a, 2013b; GOETZ; LECOMPTE, 1988) foi possível graças ao caráter participativo do estudo etnográfico empreendido, possibilitando aos professores potencializarem a capacidade de pensar o próprio pensamento e o fazer docente de forma mais fundamentada e crítica (GUBER, 2011).

O contexto investigativo que se construiu nos oportunizou a fazer o mesmo. Além disso, nos permitiu: a) elevar nossas compreensões acerca dos significados dos professores em relação ao conhecimento e ao ensino interdisciplinar; b) auto perceber, mais claramente, como profissional da educação (seu potencial, equívocos e fragilidades) em decorrência da revisão conceitual de ensino, interdisciplinaridade e formação, obtida na intercomunicação com os sujeitos da pesquisa.

Ao iniciar o processo de pesquisa, tínhamos claro que o limite do saber em que se estava ancorado e a compreensão seletiva das situações a que se poderia estar sujeito por conta disso, impediria, de alguma forma, que tantas outras se desvelassem e/ou fossem problematizadas. Todavia, não sabemos, como e em que proporção isso se deu, evidentemente. Sabemos apenas que tal situação se deve ao fato de que alcances e interesses teóricos captam apenas alguns aspectos da realidade, como bem nos lembra Butelman (1996). Não obstante, a devolução encaminhada nos termos descritos nos possibilitou ampliar o olhar, favorecendo-nos aprofundar a compreensão do contexto institucional, demandada pela reflexão dos pesquisados sobre suas práticas sociais, a dinâmica do contexto escolar no qual estavam inseridos e seus determinantes sociopolíticos e pedagógicos (GUBER, 2011). Confirma-se, dessa maneira, o argumento de Fernández (2013a, p. 54), de que “o re-olhar, o ver o que não foi visto, o poder pensar, o produzir novo conhecimento social, é facilitado em situações com potencial analisador”.

Este é, sem dúvida, um grande desafio, porque requer que o pesquisador se capacite continuamente para apreender o analisador pertinente, definido por Lapassade (1971), como um dispositivo intermediário entre o homem e a realidade, uma situação que revela conhecimentos, significados e sentidos, até então, invisíveis ou inconscientes, conflitos relacionais, ideológicos, entre outros, que se não tiverem a intervenção do analisador permanecerão ocultos.

Com formação para tal, o pesquisador poderá prover as estratégias de análise que possibilitem, de sua parte, aprofundar os dados do contexto sociocultural e, aos sujeitos,

⁵ Serviram de base: HERNÁNDEZ, F. e VENTURA, M. (1998). *A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio*, Porto Alegre, Artmed; SANTOMÉ, J. T. (1998). *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: Artes Médicas; FRIGOTTO, G. (1995). A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: JANTSCH, P. A. e BIANCHETTI, L. (Orgs.). *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 25-49.

desvelar o dito e o não dito e, quem sabe, possibilitar-lhes encaminhar ações transformadoras necessárias à realidade em que se movimentam. Isso ficou comprovado em nossa experiência investigativa, com a interdisciplinaridade, e também no caso do PIIIE, com as catástrofes ambientais, conforme nos asseguraram seus pesquisadores, em vista da situação crítica e de tensão a que estavam acometidos os sujeitos em cada realidade investigada, consideradas em suas particularidades e circunstâncias.

Vale sublinhar, que os pesquisadores do PIIIE entendem que a pesquisa deve funcionar como mediadora entre os sujeitos e as regulações que caracterizam suas formas de perceber o contexto institucional e social. Por conseguinte, em seus projetos, a devolução progressiva e gradual dos resultados, diferente de Szymanski (2004), permeia o processo investigativo, dando-lhe caráter de intervenção, visto que favorece aos atores repensarem, criticamente, seu cotidiano diante das diferentes determinações culturais. (FERNÁNDEZ, 1982).

O dispositivo da devolução progressiva, que parte da caracterização geral do contexto (para os pesquisadores do PIIIE diagnóstico; para nós radiografia) e se amplia para questões mais específicas, corrobora nossa posição a respeito e, ao mesmo tempo, põe em destaque o tema da intervenção na pesquisa qualitativa. Sua referência advertiu-nos sobre a possibilidade de pensá-la para além do caráter pragmático e imediatista da pesquisa em educação que, no contexto brasileiro, muitas vezes, se centra na preocupação em aplicar diretamente os seus resultados em detrimento do tipo e natureza do conhecimento que possa produzir (ANDRÉ, 2001; GATTI, 2012).

Esta é uma concepção bastante difundida em nosso meio, principalmente, na área da educação, que vale a pena trazer aqui a reflexão de P3 (referindo-se à experiência de pesquisa citada) de que

sustentar a posição de analista não é tarefa simples, mas frutífera. Um dos desafios está em resistir à demanda de respostas e possíveis saídas. É preciso evitar esse lugar tentador e enganoso. A contribuição que podemos oferecer à pesquisa, como analistas, está na possibilidade de introduzir dispositivos que facilitem um espaço de pensamento, no qual as vozes dos sujeitos da pesquisa dialoguem com nossas hipóteses de trabalho, de modo a repensar a realidade. Assim, serão eles que pensam suas próprias soluções e possibilidades, enquanto nós podemos aprofundar a compreensão sobre nosso objeto de investigação.

Nessa discussão, parece-nos oportuno aclarar qual o entendimento dos pesquisadores do PIIIE sobre a intervenção. Conforme P2, a intervenção, na perspectiva da análise institucional, corresponde à “operação do investigador que põe à disposição de um coletivo uma reconfiguração do objeto/instituição e das condições que as pessoas têm para levar adiante as tarefas de suas vidas cotidianas”, visando produzir conhecimento sobre o contexto sociocultural em que se inserem. Tal posição está em sintonia com o pensamento de Lapassade (1999) de que a intervenção se traduz na ação (método) por meio da qual um grupo de analistas organiza, numa instituição social, um processo coletivo de autoanálise, visando a facilitar certas mudanças (autogestão).

Essa dinâmica investigativa, que põe os sujeitos no centro de seu próprio processo de aprendizagem para pensar o processo grupal no qual estão envolvidos, dos sentidos que dão significado as suas experiências de vida, do reconhecimento das permanências insti-

tuídas manifestas e das alternativas instituintes latentes, que podem não ser percebidas de outro modo, tem a contribuição de Pichón-Rivieri (2000), reconhecida e enfatizada pelos pesquisadores do PIIIE.

Silva (2013) deixa suas considerações ainda mais claras na descrição de sua pesquisa específica, em desenvolvimento, numa escola pública de Buenos Aires que atende população vulnerável, ao destacar que a metodologia utilizada, ancorada na abordagem institucional, visa captar a complexidade da realidade escolar, seus processos organizacionais e sociais, tanto no plano manifesto como latente, a partir de

atividades preparatórias para a imersão em campo, coleta de dados, análise e sistematização de dados empíricos, elaboração de propostas interpretativas, preparação de materiais para apresentar os resultados e acompanhar os sujeitos em seu processamento, e instâncias de devolução com as pessoas que participam da pesquisa, a fim de validar a interpretação (SILVA, 2013, p. 52).

A consideração de que a devolução, como estratégia de intervenção, supõe a comunicação dos dados processados, analítica e interpretativamente, pelo pesquisador, adquirindo caráter de coautoria, a reconhecemos convergente com o que nomeamos dimensão dialógica da restituição. Isso não nos era muito atilado, admitimos! Valeu, portanto, a advertência de Fernández (2010) de que a intensidade do impacto deste processo sobre os destinatários é proporcional à capacidade mobilizadora que o conteúdo e a organização do material restituído terão para suas reflexões e aprendizagens. A consideração da autora nos mobilizou a pensarmos, que se desejamos a devolução como fonte de informação para seguir pensando o objeto de pesquisa, é fundamental, opções metodológicas, que incluam os pesquisados como razão primeira do processo de informar, conhecer e (re)conhecer-se no contexto sociocultural do seu existir.

A devolução, nessa ótica, demanda discussão pelos pesquisadores sobre sua gradualidade e seus objetivos, visando definir as “questões para se processar com os investigados e gerar espaços para que discutam entre eles, acordem, se expressem entre eles e com os investigadores” (P2).

Por todos estes ancores e outros tantos, dispostos na interlocução com os pesquisadores do PIIIE, de um lado, reafirmamos a pertinência da devolução que empreendemos no estudo etnográfico por nós realizado e mencionado neste trabalho, que se utilizou: a) na fase exploratória, de exposição seguida de discussão para a comunicação da radiografia do contexto escolar e da inovação; b) na fase processual, de entrevistas individuais de aprofundamento e de encontros de formação reflexiva sobre o objeto de investigação. De outro, desvelamos o limite do aporte metodológico de que nos servimos para retirar os sujeitos da condição de prestadores de serviço diante das múltiplas possibilidades do que se pode dispor, criar e construir.

Podemos dizer que as narrativas dos pesquisadores do PIIIE foram significativas para este *rever-se*. Em suas considerações e comentários, evidenciamos a preocupação quase obsessiva em organizar espaços e formas para se aproximar dos atores de maneira potencializar a pesquisa e a devolução como produtoras de conhecimento. Em relação a este aspecto, nos perguntávamos: tal preocupação seria mesmo obsessiva ou ética? Nesse sentido, P1 considera que

o trabalho de pesquisa, sobretudo, o qualitativo, muitas vezes, descurado em seu rigor, requer muito detalhe obsessivo; trata-se de uma preocupação científica e não ética. Isso se pode notar em nossa proposta em que os dispositivos de devolução fazem parte do projeto de pesquisa. Não porque se deva possibilitar que os sujeitos conheçam os resultados da pesquisa por um imperativo moral ou ético. Também por isso, mas, em grande parte, porque a pesquisa institucional exige aprofundamento para que se possa entender como opera internamente o objeto-instituição (motivo de representação e vínculo), a que só se pode acessar, progressivamente, em ciclos de aprofundamento complexo, por meio do trabalho ativo dos sujeitos que vão se instrumentalizando pela própria análise, que lhes permitem perceber seu mundo interno de significados.

Em suas considerações, a PI enfatiza que o cerne da metodologia do *Proyecto Dinámicas Institucionales en Condiciones Sociales Críticas*, que desenvolvem desde 2004, em ICE⁶, comunidade de uma ilha em situação social crítica (Argentina), em vista de inundações recorrentes e, de certo modo, periódicas, centra-se na preocupação do rigor científico referente ao caráter epistemológico do objeto em estudo. Isso tem a ver, diz, “com os processos analíticos de fundamento *psicoanalítico* que partem do pressuposto de que há diferentes níveis de significação, alguns inconscientes para os sujeitos, que só podem ser acessados por meio de processos analíticos” (P1). Ainda mais necessários, no caso específico do projeto mencionado, que objetiva compreender o que é a ICE para seus habitantes, aspectos notáveis destacados/reafirmados por eles na relação com a comunidade; os que lhes causam indignação, preocupação e/ou sentimento de insegurança frente ao risco iminente das inundações e como tais questões afetam as condições socioeconômicas e o imaginário cotidiano que permeiam o contexto no qual vivem (FERNÁNDEZ, 2013b).

Com o fito no objeto de estudo e no intento de compreender as dinâmicas institucionais do contexto *isleño* mencionado pela caracterização da dramática social; análise da educação e organizações relacionadas, incluindo a análise da IEC a partir das histórias de vida e reconstrução de trajetórias grupais, a equipe de pesquisadores do PIIE, na diligência de prover formas para se aproximar de seus habitantes (adultos, jovens e crianças), armou um dispositivo metodológico, tanto em termos da coleta de dados como da sua devolução, visando à análise institucional do seu contexto crítico.

Pela restrição que o presente artigo nos impõe em termos de espaço, optamos pôr em relevo a caracterização da dramática social do contexto investigado levada a efeito pelo programa em questão. Processo inicial que possibilitou aos pesquisadores compreenderem a história e representação dos habitantes sobre a comunidade; questões positivas e negativas por eles destacadas; as que mais os afligiam, entre outras, por meio de documentos, relatos formais, observação, entrevista não-estruturada com adolescentes/adultos e de técnicas expressivas (relatos e desenhos) com crianças. Objetivando a devolução da análise dos dados, organizaram encontro com os participantes da pesquisa, mediante convite. Para isso, como forma de expressão de suas interpretações, utilizaram-se de: a) material ilustrativo e/ou fotográfico, tendo como base fatos recorrentes observados e/ou narrados/desenhados pelos entrevistados relativos aos distintos momentos da história vivida e atual da comu-

⁶ Sigla usada pelo PIIE para resguardar a identidade do contexto da pesquisa.

nidade *isleña*; b) narração proferida pelos pesquisadores em forma de jogral, dos fatos e sentimentos mais recursivos nos comentários dos pesquisados, seguidos de análise que lhes correspondiam; c) entrevistas espontâneas com os pesquisados participantes do encontro, que favoreceram aos pesquisadores captar a impressão dos entrevistados sobre os dados e análises apresentados, inclusive, acessar a outras e novas informações, que subsidiaram a continuidade da pesquisa (FERNÁNDEZ, 2013b).

Dentre essas informações, o PIIE decidiu investigar, sem se descuidar da devolução de dados processual, característica central de sua metodologia: a) a educação escolar no tocante às relações entre população e escola da comunidade a partir das impressões dos profissionais da educação e habitantes da comunidade referentes à contribuição para pensar a dramática da vida cotidiana para além dela; b) as histórias de vida de habitantes e grupos – mais citados – envolvidos em movimentos instituintes de reconstrução social do contexto *isleño* (FERNÁNDEZ, 2013b)⁷.

Cabe ressaltar, que o material produzido pelos pesquisadores, nas diferentes etapas do processo investigativo, a partir de suas análises validadas pelos pesquisados foi a estes disponibilizado diretamente, no decorrer da pesquisa, depositado na biblioteca pública e escolas da comunidade, além de apresentação e/ou publicação em anais de eventos acadêmicos e periódicos científicos.

Por sua disposição, à primeira vista, pensamos tratar-se de instrumental constitutivo de um aparato metodológico tendente a artificializar o processo de pesquisa. Não obstante, P1, inspirada em Lapassade (1999), assevera que o dispositivo utilizado pelo PIIE, na análise institucional, não é artificial nos termos de nossa preocupação, visto que todo e qualquer instrumento poderá se configurar como tal por seu emprego inadequado, mas na acepção de que

todos os dispositivos construídos pelo pesquisador (para coletar informações, validar, apresentar os resultados, etc.) são artificiais. Na concepção de analisadores artificiais, o dispositivo artificial é preparado/construído para provocar o aparecimento do incomum e, neste caso, o material emergente revela, de maneira próxima, o que pode fazer um analisador natural (P1).

Realmente, percebe-se, nas produções e narrativas dos pesquisadores, a pertinência e necessidade dos instrumentos de que se servem para fazer valer o compromisso científico da devolução – núcleo-chave da indagação, que desenvolvem – de transmitir aos atores sociais da pesquisa, como diz P4:

o que, verdadeiramente, se pôde captar sobre o que eles disseram, o que se conseguiu compreender sobre suas vidas, seus processos sociais, as coisas que lhes preocupam, o que lhes passa; que eles se reconheçam, se sintam representados sobre o que nos transmitiram e que seja, de alguma maneira, útil para que possam seguir pensando seus próprios processos de vida social.

Neste sentido, consideramos importante resgatar a fala de P3 que, além de reafirmar a centralidade da devolução na pesquisa institucional, como mencionado anteriormente,

⁷ Detalhes na obra referenciada.

destaca particularidades que não as identificamos tão fortemente no processo devolutivo por nós encaminhado: a devolução como dispositivo de reflexão analítica sobre o objeto de estudo. Para os pesquisadores do PIIE, mais primordial que a preocupação com a aprendizagem reflexiva dos participantes da pesquisa. Vejamos, então, as considerações do referido pesquisador:

Desde nossa perspectiva, as devoluções têm como principal objetivo constituir e consolidar um espaço analítico para continuar pensando junto aos sujeitos da pesquisa sobre nosso objeto. Para nós é mais importante do que promover a aprendizagem dos ditos sujeitos. Nossos dispositivos de devolução são introduzidos para estimular a reflexão e permitir aproximações sucessivas a um objeto muito complexo que, de outra forma, não poderia ser revelado. Entendemos que um modo de intervenção privilegiado pelo investigador, consiste na introdução de interpretações elaboradas a partir da indagação prévia, que são apresentadas a modo de hipótese a ser pensada pelo entrevistado (P3).

Para Bleger (1985), a quem P3 se reporta em seus comentários como um dos teóricos em que se fundamenta o PIIE, a devolução é inerente e constitutiva do *design* metodológico da pesquisa. Desse modo, as devoluções são concebidas conforme as análises realizadas no material previamente coletado, que possibilitam recolher material novo, que favorecerá aprofundar a análise e ajudará na definição dos passos subsequentes da pesquisa. Assim, a devolução nutre o circuito da pesquisa-intervenção (devolução)-pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, a revisita teórica sobre o tema da devolução e sua contribuição na reflexão das experiências de pesquisa aqui mencionadas, no que lhe concerne, reaviva a necessidade de se tomar a restituição de dados como procedimento constitutivo e constituinte do processo investigativo, para que possamos, desse modo, superar o descuido como a temos tratado, por desconsiderá-la, muitas vezes, ou por restringi-la à mera comunicação de resultados. Fortalece, por conseguinte, a ideia da necessidade de se atribuir à devolução lugar central na pesquisa em educação (no nosso caso particular, até agora mais tangencial), como estratégia para aprofundar, refletir e acompanhar o processamento da informação a que terá acesso.

Essa e outras questões refletimos e aprendemos, também, na intercomunicação com os pesquisadores do PIIE e os autores que lhes servem de base, como Bleger (1985), Butelman (1996) e Lapassade (1971, 1999). Tais aprendizagens, decorrentes do processo intercomunicativo e da análise crítica dialógica com os integrantes deste grupo, apontaram novas possibilidades e desafios pertinentes à devolução de dados. Entre eles, de compreender que a devolução, mais que uma operação, corresponde ao conhecimento produzido no processo investigativo, que se constitui na análise e forma como seus atores passam a rever suas pautas habituais de pensar e significar o contexto no qual estão implicados.

Essa compreensão reitera o imperativo de se enfrentar o desafio de, intencionalmente, elaborar meios analisadores que possibilitem aos atores sociais, em suas instituições, constituir espaços de análise, apreender o que desvelam tais espaços, gerar intenção coletiva de melhor compreender o que os instigou a repensar e, quem sabe, produzir transformação

no contexto institucional em que atuam (FERNÁNDEZ, 2013a). Referido desafio já assumido e incorporado ao estatuto investigativo do PIIE, ocupará, de forma intencional e sistemática, as pautas investigativas do grupo de pesquisa que coordenamos, não deixando que apenas o acaso nos surpreenda como sobreveio com a experiência vivenciada por nós descrita neste trabalho.

Com certeza, desafios desse porte, inerentes ao processo de pesquisa, assentado no compromisso científico de recuperar o protagonismo dos sujeitos, retirando-os da passiva e mera condição de informantes, demandarão formação permanente que, por conseguinte, exigirá estudo individual e coletivo no intercâmbio com os colegas pesquisadores locais, nacionais e internacionais. A sintonia dos pesquisadores do PIIE, em suas posições sobre a perspectiva de pesquisa que defendem, dá mostras da importância dessa formação necessária, entre outros aspectos, à consolidação de qualquer grupo ou programa de pesquisa.

Tais desafios exigirão, conseqüentemente, formar-se pela prática da pesquisa. Eis o grande óbice para essa convocatória, aludido neste trabalho pela lembrança auspiciosa de Bourguignon (2008) e reiterada por P4 de forma tão singular – referindo-se ao contexto acadêmico argentino – que vale a pena reproduzir aqui:

Para manter este propósito? Primeiro são as condições. Aqui é um trabalho *ad honorem*. Não há designação para investigação. O que se designa de dinheiro para os projetos de pesquisa é muito pouco. Trabalhamos muito para sustentar nossas vidas. E a pesquisa fica circunscrita à paixão, ao gosto pessoal e muito interesse de formação neste aspecto. Lamentavelmente, não se conta com condições materiais, recursos, espaços e financiamento. São tempos roubados do sonho, do descanso e da família.

No caso brasileiro, além disso, a atual pressão produtivista exacerbada tem colocado os pesquisadores, especialmente, da área da educação, frente ao dilema-perplexidade de enfatizar – involuntária e a contragosto – a pesquisa como produto em detrimento do processo como forma de garantir a demanda quantitativa de suas produções e, por conseguinte, livrar-se do constrangimento de possível descredenciamento ou da inevitável responsabilização condenatória pela não elevação ou baixa de conceito do programa de pós-graduação do qual fazem parte. Nesse cenário, a devolução de dados, em geral, tem se ressentido de consideração devida, em vista da urgência do tempo que pode se contrapor, muitas vezes, à necessidade de prolongar o tempo para a finalização do estudo empreendido.

Convocados a protagonizar seus ofícios investigativos desse modo, pesquisadores brasileiros, todavia, conscientes da relevância social e científica do conhecimento que produzem no campo da educação, num ato de resistência individual e coletiva, persistiremos na busca e definição por dispositivos analisadores potenciais para continuar qualificando nossos projetos de pesquisa. Essa disposição tem nos suscitado a pensar, entre outras questões, sobre o tema da devolução de dados: em que lugar a temos colocado? Como a concebemos? A que intervenções a temos reduzido? A temos configurado como simples momento em que os participantes da pesquisa tomam conhecimento de seus resultados? Ou a compreendemos como espaços nos quais pesquisados e pesquisadores, progressivamente, pelo próprio processo analítico, instrumentalizam-se para se perceber e perceber o contexto

em que se movimentam, que, de outra forma, não conseguiriam fazê-lo? Eis o que se nos apresenta como reflexão e desafio a enfrentar!

REFERÊNCIAS

ADAMS, Telmo. A pesquisa participativa como mediação pedagógica da educação popular. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32; 2009, Caxambu, MG. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/.../GT06-5171--Int.pdf. Acesso em: 05 mai. 2013.

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 113, p. 51-64, jul. 2001.

BLEGER, Jose. **Psicohigiene y psicología institucional**. Buenos Aires: Paidós, 1985.

BOURGUIGNON, Jussara Ayres. A centralidade ocupada pelos sujeitos que participam das pesquisas do serviço social. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre: PUCRS, v. 7, n. 2, p. 302-312, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/4830/3635>. Acesso em: 03 jun. 2013.

BUTELMAN, Ida. **Pensando las instituciones**. Sobre teorías y prácticas en educación. (compilación). Buenos Aires: Paidós, 1996.

CARIA, Telmo. **A cultura profissional dos professores** – o uso do conhecimento em contexto de trabalho na conjuntura da reforma educativa dos anos 90. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

ERICKSON, Frederick. Métodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza, In: WITTROCK, Merlin Carl. **La investigación de la enseñanza, II: métodos cualitativos y de observación**. Madrid/Barcelona: MEC/Paidós, 1989, p. 195-301.

FERNÁNDEZ, Lidia. Asesoramiento pedagógico institucional. Una propuesta de encuadre. **Revista Argentina de Educación**, Buenos Aires: OEI, año I, n. 2. 1982.

FERNÁNDEZ, Lidia. El perfil institucional de la escuela. **Revista Latinoamericana de Innovaciones Educativas**, MEJ-OEA, año III, n. 7, 1987.

FERNÁNDEZ, Lidia. **Instituciones educativas: dinámicas institucionales en situaciones críticas**. Buenos Aires: Paidós, 1994.

FERNÁNDEZ, Lidia. La devolución de resultados a los protagonistas de la investigación: el problema del tiempo. In: JORNADAS DE ETNOGRAFIA Y MÉTODOS CUALITATIVOS DEL CENTRO DE ANTROPOLOGÍA SOCIAL, VI; 2010, Buenos Aires, Argentina.

Ponencia en el Simposio las modalidades de devolución y su impacto en los distintos sujetos involucrados, Anahí Mastache (Coord). **Instituto de Desarrollo Económico y Social**, 10-12, ago. 2010 Aráoz 2838 C1425DGT.

FERNÁNDEZ, Lidia. La cuestión del análisis institucional y la intervención para generar posibilidad de análisis. In: REUNIÓN CIENTÍFICA: EL ANÁLISIS DE LAS INSTITUCIONES Y LAS PRÁCTICAS SOCIALES, 2013a, Mendoza, Argentina: **Memorias...** Año 1, nº 1., UNCUYO, p. 43-55.

FERNÁNDEZ, Lidia. Dinámicas institucionales en condiciones sociales críticas. Investigación en IEC, una población isleña socialmente marginada. **REUNIÓN CIENTÍFICA: EL ANÁLISIS DE LAS INSTITUCIONES Y LAS PRÁCTICAS SOCIALES**, 2013b. Mendoza, Argentina: *Memorias...* Año 1, nº 1., UNCUYO, p. 127-180.

GATTI, Bernadete Angelina. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, Porto Alegre: ANPAE; v. 28, n. 1, p. 13-34, jan/abr. 2012.

GOETZ, Judite Preissle; LECOMPTE, Margaret Diane. **Etnografía y diseño cualitativo en investigación educativa**. Madrid: Morata, 1998.

GUBA, Egon. Criterios de credibilidad en investigación naturalista. In: SACRISTÁN, J. Y PÉREZ GÓMEZ. A. **La enseñanza: su teoría y su práctica**. Madrid: Akal, 1985, p. 148-164.

GUBER, Rosana. **La etnografía: método, campo y reflexividad**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2011.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

LAPASSADE, George. **El analizador y el analista**. Barcelona: Gedisa, 1971.

LAPASSADE, George. **Grupos, organizaciones e instituciones**. La transformación de la burocracia. Barcelona: Gedisa, 1999.

MONCEAU, Gilles. Transformar as práticas para conhecê-las: pesquisa-ação e profissionalização docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo: USP, v. 31, n. 3, set.-dez. 2005, p. 467-482. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a10v31n3.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2013.

PALACIOS, Rudy Mendoza. Investigación cualitativa y cuantitativa: diferencias y limitaciones. **G&C Salud y Ambiente**, Piura, Peru: Universidad de Peru, 2006, p. 1-8. Dis-

ponível em: <http://www.gycperu.com/descargas/005investigacion%20cuali%20cuanti%20diferencias%20y%20limitac.pdf>. Acesso em: 12 jul 2013.

PEREIRA, Antonio Serafim. **Coerência entre a teoria e prática da orientação educacional**. Porto Alegre: PUC-RS, 1990. (Dissertação de mestrado).

PEREIRA, Antonio Serafim. **Análise de um processo de inovação educativa numa escola gaúcha**: a interdisciplinaridade como princípio inovador. Santiago de Compostela, Espanha: Serviço de publicações e intercâmbio científico, Universidade de Santiago de Compostela, UCS, 2007. (Tese de doutoramento).

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SILVA, Ana María. Dinámicas institucionales en escuelas que atienden poblaciones vulnerables. Un caso donde la educación es posible. Condiciones que la possibilitam. **Revista del IIICE**, Buenos Aires: IICE, UBA, n. 34, dez. 2013, p. 47-62. Disponível em: <http://revistas-cientificas.filo.uba.ar/index.php/iice/article/view/1442/1382>. Acesso em: 02 jul. 2015.

SILVÉRIO, Maria Regina; PATRÍCIO, Zuleica Maria. O processo qualitativo de pesquisa mediando a transformação da realidade: uma contribuição para o trabalho de equipe em educação em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Saúde Coletiva/Abrasco, v. 12, n. 1, jan.-mar., 2007, p. 239-246. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v12n1/23.pdf>. Acesso em: 20 maio 2013.

STRECK, Danilo Romeu. Pesquisar é pronunciar o mundo. Anais In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, V, 2004, Curitiba, **Anais...** Curitiba: ANPEdSul, p. 1-15. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Mesa_Redonda/Mesa_Redonda/01_07_25_PESQUISAR_E_PRONUNCIAR_O_MUNDO.pdf. Acesso em: 06 jul. 2013.

SZYMANSKI, Heloisa. A prática reflexiva em pesquisas com famílias de baixa renda. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS: A PESQUISA QUALITATIVA EM DEBATE II, 2004. Bauru, SP. **Anais...** Bauru, SP: SE&PQ/USC, 2004, p. 1-7. Disponível em: www.sepq.org.br/IIcipeq/anais/pdf/gt1/06.pdf. Acesso: 05 jul. 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ZANTEN, Agnès Van. Pesquisa qualitativa em educação: pertinência, validade e generalização. **Perspectiva**. Florianópolis: UFSC, v. 22, n. 01, jan.-jun. 2004, p. 25-45, Disponível em: <http://ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html>. Acesso em: 10 jul. 2013.

DADOS DO AUTOR

ANTONIO SERAFIM PEREIRA

Doutor em Educação pela Universidade de Santiago de Compostela, Espanha. Pós-doutor em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade de Buenos Aires, Argentina. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação e Gestão na Educação Básica, FORGESB. Atuou como docente pesquisador (PPGE/Mestrado e Doutorado) da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma/SC-Brasil.

E-mail: aspaspereira@gmail.com

Submetido em: 03-04-2022

Aceito em: 14-07-2022